

## Estoicismo e pandemia: liquidez contemporânea

### Stoicism and Pandemic: Contemporary Liquidity

Francisco Clailson de Carvalho Lima<sup>1</sup>  
Luizir de Oliveira<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente artigo traz uma reflexão atual com base na filosofia estoica que tem como representantes os filósofos Sêneca, Marco Aurélio e Epitecto, entre outros e suas relações com o tempo líquido argumentado por Zigmunt Bauman. Os referidos autores nos remetem a um pensamento cotidiano frente à atualidade mundial acometida pelo processo de Pandemia, referente à Covid-19, o Coronavírus e suas transmutações. Sendo assim, o objetivo amplo de tal reflexão é ampliar olhares frente as atitudes que temos tido em relação a um contexto de globalização que por vezes nos impulsiona ao individualismo, à falta de consciência diante da vida coletiva, dando valor e destacando situações que mais contribuem para continuarmos sendo líquidos em nossas visões e relações humanas, do que estoicos, onde a prática da prevenção, a calma e a felicidade seriam a nossa parte para contribuir com a vida planetária. Para tanto, metodologicamente, o referido artigo valeu-se da pesquisa bibliográfica e de autores renomados e fontes fidedignas. Procuo, desse modo, mostrar que as reflexões da filosofia estoica são contribuições que nos permitem passar por esses momentos pandêmicos com sabedoria.

**Palavras-chave:** Estoicismo. Pandemia. Relações líquidas.

**Abstract:** This article brings a current reflection based on the stoic philosophy of antiquity, by Seneca, Marco Aurélio and Epitecto, among others and their relations with the liquid time argued by Zigmunt Bauman. These authors refer us to a daily thought in the face of the current world situation affected by the Pandemic process, referring to Covid-19, the Coronavirus and its transmutations. Thus, the broad objective of such reflection is to broaden views on the behavior and attitudes we have had in a context of globalization that sometimes drives us towards individualism, the lack of awareness in the face of collective life, giving value and highlighting situations that contribute more to continue being liquid in our visions and human relations, than stoicist, where the practice of prevention, calm and happiness would be our part to contribute to the planetary life. Therefore, methodologically, the referred article made use of bibliographic research and renowned authors and reliable sources. In this way, I try to show that the reflections of Stoic philosophy are contributions that allow us to pass through these pandemic moments with wisdom.

**Keywords:** Stoicism. Pandemic. Liquid relationships.

## Introdução

---

<sup>1</sup> Mestre em Filosofia pela a Universidade Federal do Piauí (UFPI), especialista em Metodologia do Ensino e da Pesquisa em História do Brasil (Faculdade Avantis/SC) e Gestão Pública pela a Universidade Federal do Maranhão (Ufma) graduado em História (UEMA) e Filosofia (UFPI).

<sup>2</sup> Doutorado em Filosofia pela Universidade de São Paulo em 2003. Atualmente é professor Associado do Departamento de Filosofia, professor permanente do Mestrado Profissional em Filosofia e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Piauí. Atua na área de filosofia com ênfase em Ética, Estética e Metafísica. Dedicar-se à investigação temática da confluência entre Ética e Estética, com ênfase nas interfaces entre a Filosofia e a Literatura.

O tempo no qual nos inserimos século XXI traz como cenário de fundo o contexto da globalização da economia e, por consequência, a conexão facilitada pelo mundo tecnológico. O processo civilizatório pressupõe um mundo rico em tecnologia para certas classes e nações mundiais e empobrecido para outros vistos como subdesenvolvidos. Diante dessa divisão, tendo por valor o conhecimento tecnológico e as informações diversificadas, somos surpreendidos no comodismo do individualismo capitalista tecnológico com uma pandemia, o Coronavírus, cientificamente denominado de Covid-19.

A questão que se levanta é: pode-se em meio a uma Pandemia sermos mais humanizados e humanizadores, tranquilos e felizes, termos valores coletivizados e mais corresponsáveis, sem tanta liquidez nas relações que regem a vida cotidiana?

Conforme se observa no trecho acima esses questionamentos em diálogo com a filosofia estoica colaboram com a possibilidade para o enfrentamento as adversidades encontradas nos dias atuais diante do agravamento das desigualdades sociais e a crise sanitária mundial existente.

O reencontro do homem com as leituras estoicas em épocas de turbulências significa um acolhimento com a sabedoria e afastamento do homem em relação ao negacionismo implantado pelos vícios e às paixões<sup>3</sup>. De acordo com Sêneca, “Quem fizer da filosofia uma terapêutica tornar-se-á forte de espírito, cheio de autoconfiança, atingirá uma altura inigualável e tanto maior quanto mais dela nos aproximamos” (SÊNECA, *Cartas* 111, 2,3).

## 1 O Estoicismo filosofia da reflexão

Em linhas gerais, o estoicismo é uma corrente filosófica que se apresenta como uma filosofia com caráter universal, a qual aborda a conduta humana em uma busca de conformidade com o cosmos. Fala-se, em linhas gerais, pelo fato de não haver uma determinada “unidade estoica”, posto terem chegado a nós apenas fragmentos dos fundadores dessa escola filosófica.

A transição do estoicismo médio para o terceiro período da escola do Pórtico, entre os séculos (I e II d.C.), mostra que os ensinamentos na escola romana convergem para a reflexão sobre ética, e que os filósofos desse período do estoicismo apresentam a doutrina da escola em regulares e aconselhamentos. São representante desse período Sêneca (4 a.C. a 65 d.C.), da cidade de Córdoba; Epicteto (50-130 d.C.), de Hierápolis; e Marco Aurélio (121-180 d.C.), de Roma, nos três, encontramos marcas de um significativo moralismo, que tem uma relação com as outras questões do

---

<sup>3</sup> A paixão passa a ser de responsabilidade exclusiva do homem, quando exposta ao erro de julgar, uma vez que ele é responsável pelo o exercício de sua razão “[...] A paixão é a perda do controle da razão” (OLIVEIRA, 2010, p. 51).

estoicismo (física, lógica), que não podem ser desconsideradas, ou seja, com fortes interesses para outras indagações filosóficas.

O estoicismo foi se posicionando em momentos de grandes transformações nos aspectos políticos, religiosos e sociais, na Grécia, devido às grandes expedições de Alexandre, “O Grande” (334-323) para o Oriente antigo. Nesse contexto, o estoicismo foi, sobretudo, incentivador de uma unidade de pensamento com perspectivas de evolução do conhecimento. Assim, Oliveira (2010, p. 24) afirma que “o estoicismo foi elaborado em uma época de profundas convulsões sociais e políticas, marcadas pela ruína da *pólis* grega.

O universo estoico é um pensamento organizado, assim o *lógos* (razão) determinava um ideal de vida para o homem por meio do universo; apenas a sabedoria se encarregava da preparação do homem rumo à perfeição. Essa condição é importante, uma vez que o mau uso do *lógos* ocasionava a falta da moralidade, ficando a critério exclusivo da sabedoria a responsabilidade no aprimoramento dos homens, desse modo o sábio, por consequência a sabedoria, são idealidades para estoicos e assim podemos trilhar o caminho dela. Porém, nos dias atuais esse sentido de buscar a felicidade, atitudes tornou-se sinônimo progresso, enquanto pela a inobservância de atitudes tornou-se regresso devido tempos individuais e materialistas existentes, desse modo, colabora Bauman:

O "progresso", que já foi a manifestação mais extrema do otimismo radical e uma promessa de felicidade universalmente compartilhada e permanente, se afastou totalmente em direção ao pólo oposto, distópico e fatalista da antecipação: ele agora representa a ameaça de uma mudança inexorável e inescapável que, em vez de augurar a paz e o sossego, pressagia somente a crise e a tensão e impede que haja um momento de descanso. (BAUMAN, 2007, p. 16)

Nesse sentido, é importante abordar-se-á o fato de os estoicos permitirem para alguns homens, na condição de aprendizes, a possibilidade de alcançarem, por meio de esforços, o aperfeiçoamento do conhecimento no caminho para a sabedoria. Mesmo que nenhum ser humano seja capaz de alcançá-la, porém, manter-se na busca da sabedoria é possibilidade para o encontro com o ideal de sábio verdadeiro dos estoicos

Fazer com que a vida inteira se pareça com tais instantes, eis, no fundo, o ideal da sabedoria. É nesse ponto que tocamos em algo da ordem da salvação, na medida em que nada mais pode perturbar a serenidade que nasce da abolição dos medos associados às outras dimensões do tempo. Quando ascende a esse grau de vigilância, o sábio pode viver “como um deus”, na eternidade de um instante que nada mais relativiza, na completude de uma felicidade que nenhuma angústia poder vir a corromper. (FERRY, 2012, p. 36)

Desse modo, o estoicismo é exemplo de sabedoria. Este alia-se a uma visão cosmológica e uma visão antropológica com uma visão ética. Nesse sentido, a filosofia estoica representa uma

maneira de praticar a sabedoria enquanto essencial para vida. “Essa sabedoria nos fala ainda hoje, para além dos séculos e das divergências” (FERRY, 2012, p. 37)

Considerando o seu surgimento da filosofia, bem como uma relação com a contemporaneidade, tivemos momentos equivocados do ponto de vista filosófico para compreender melhor as questões mundanas. O primeiro equívoco filosófico pode ser apontado na Idade Média, quando se restringiu o papel da filosofia à serva da fé, da teologia, daí os dogmatismos religiosos presentes na realidade do passado e com reverberações presentes.

O segundo momento, e que ainda permanece em alguns setores da vida intelectual, ocorreu na modernidade, quando ela se tornou sombra e serva da ciência e está de forma rápida transformou-se praticamente em tecnologia, que virou produtos disponíveis para consumo e alimentação da cadeia neoliberal atual.

(...) a estratégia neoliberal de conquista hegemônica não se limita (...), ocupa lugar privilegiado (...), o que estamos presenciando é um processo amplo de redefinição global das esferas social, política e pessoal, no qual complexos e eficazes mecanismos de significação e representação são utilizados para criar e recriar um clima favorável à visão social e política liberal. (...) O projeto neoconservador e neoliberal envolve, centralmente, a criação de um espaço em que se torne impossível pensar o econômico, o político e o social fora das categorias que justificam o arranjo social capitalista (GENTILI; SILVA, 1994, p. 14).

Nesse processo nos tornamos produtores e produtos, o trabalho consome o homem, transformando-o em *homo laborens*, trabalhando cada vez mais para consumir mais; e a vida se esvai entre o trabalho e a diversão consumista. Seria essa a cadeia da evolução civilizatória?

A dimensão da vida contemplativa, única via através da qual conseguimos dar a nós mesmos um sentido para a existência, parece arremessada para tão longe que dificilmente uma pessoa comum toma ciência de que ela já foi a forma mais fundamental para o homem no mundo. Atualmente, em todos os espaços sociais e inclusive midiáticos, só se ouve o clamor de quem a todo o tempo está ocupado em treinar o futuro profissional, o trabalhador e o consumidor do presente.

E assim nós tentamos o máximo que conseguimos, e nossas sucessivas tentativas consomem a maior parte de nossa energia e atenção, deixando pouco espaço para a reflexão pesada e para a preocupação de que outras melhorias, desejáveis sob outros aspectos, permanecerão definitivamente fora das fronteiras, transformando todas as tentativas de alcançá-las no desperdício de um tempo precioso (BAUMAN, 2007, p. 62)

Só a ignorância humana, camuflada na forma de globalização econômica pode fazer inferências que a filosofia seja uma vaga sombra, serva. Ela é justamente a atitude inversa: filosofia

estoica é sabedoria. Vivemos, infelizmente, sob a égide do útil; perdemos a noção das coisas importantes.

Se em outros tempos a utilidade era medida pelo tanto que algo servia ao que é importante, atualmente a importância de algo é medida pelo tempo que serve ao que é útil para encarar a vida com racionalidade. Conforme Epitète (70 d. C. 139 d.C.), “Mas o pior de tudo é o tempo desperdiçado por negligência. Se bem reparares, durante grande parte da vida agimos mal, durante a maior parte não agimos nada, durante toda vida agimos inutilmente” (SÊNECA, *Cartas a Lucílio* 01, 2018, p. 1).

Percebe-se, assim, a importância da tomada de consciência, advinda do questionamento da realidade, do transcendente sobre a humanização. Nesse processo, o outro é extensão mim e nesse sentido o respeito a sua vida, procedimentos de não contágio da Covid-19, nos remetem e reverberam sobre os direitos humanos universais, o significado da vida planetária e toda forma de sua preservação.

### 1.1 Estoicismo e Vida Líquida Contemporânea

O estoicismo preconizado por Sêneca, Marco Aurélio e Epitecto, na antiguidade romana, apresenta-se em uma cultura e sociedade com mentalidade dicotômica entre as pragas do céu e o caráter, a virtude, a moral<sup>4</sup> e o senso de ética<sup>5</sup> defendido pelos filósofos. Assim, o estoicismo traz tal dicotomia para a reflexão da vida cotidiana e prática. Isso permite que seja estabelecida uma relação de alguns de seus conceitos e sua aplicabilidade com os tempos instantâneos e velozes do século XXI, em que o estoico pode ser uma possibilidade de saída para a Pandemia, lembrando a humanidade de sua essência e de cuidados individuais e coletivos, o retorno a virtude.

Se não se pode resolver uma dificuldade de forma individual, estando a solução em nossas mãos (a Pandemia) é possível fazê-lo juntando forças para remediar a falta de consciência evolutiva de homens e mulheres em prol da sustentabilidade saudável da vida. Desse modo, pode-se contribuir para a cidadania planetária, cujo direito primeiro é a vida e o valor desta, talvez a maior virtude. Frente a isso tem-se que:

Muitas são as coisas que nos servem de ajuda, sem que por isso sejam partes de nós mesmos; se o fossem, não nos ajudariam. A comida é útil ao corpo, mas não faz parte do corpo... (§§ 25-30). O filósofo romano percorre os domínios das várias ciências, e os limites que medeiam entre elas e a filosofia; e mostra que só esta se ocupa com a prática da virtude (BOCHENSKI, 1968, p. 156).

---

<sup>4</sup> A palavra “moral” vem da palavra latina que significa “costumes” (FERRY, 2012, p. 17).

<sup>5</sup> A palavra “ética”, da palavra grega que também significa “costumes” (FERRY, 2012, p. 17).

A tecnologia que nos apresenta ferramentas para ‘o não contágio da referida doença’, aproximando-nos virtualmente, é a mesma que economicamente nos afasta e mantém relações líquidas e, por vezes, desinformadas, as *fake News*. Conforme Castells, no que diz respeito à tecnologia da informação:

Segue-se uma relação muito próxima entre os processos sociais de criação e manipulação de símbolos (a cultura da sociedade) e a capacidade de produzir e distribuir bens e serviços (as forças produtivas). Pela primeira vez na história, a mente humana é uma força direta de produção, não apenas um elemento decisivo no sistema produtivo (CASTELLS, 2000, p. 51).

O estoicismo seria a salvação dos tempos atuais e suas pragas, desde o coronavírus, até o isolamento afetivo e o medo do contágio, além da falta de acesso à ciência, a pesquisa para vacinas e a mais mísera internet para aulas e informações fidedignas virtuais?

Frente às relações líquidas e efêmeras, tem-se como suporte teórico atual Bauman, o qual postula:

O terreno sobre o qual se presume que nossas perspectivas de vida se assentem é reconhecidamente instável - tal como são os nossos empregos e as empresas que os oferecem, nossos parceiros e nossas redes de amizade, a posição que desfrutamos na sociedade mais ampla e a autoestima e a autoconfiança que o acompanham (BAUMAN, 2007, p. 16).

A liquidez instantânea do momento pós-moderno, se assim podemos defini-lo, é a mesma que leva cidadãos a lidarem com a pandemia de forma irresponsável, sem o pensamento para além de si. Tal comportamento é fruto de um individualismo propício ao contexto de globalização, que torna essências e aparências igualmente mercadológicas, competitivas, autoritárias e individualistas.

Nesse cenário, a imunização por primeiro leva a filas desrespeitadas. Assim, qual o valor, qual o significado social de todo este momento especial no processo civilizatório? Por cima de qual nação, continente, tem-se que passar ou ainda a incompetência de sequer valorizar os resultados da ciência, onde as forças dos milagres dos céus e de deuses resolverão?

Vida líquida, tempo de agilidade tecnológica e também de um ritmo lento para a construção de uma afetividade positiva, tempos de praga. A respeito disso:

(...) Marco acreditava (...) Zenão, Cleanthes e sucessivos trabalhos destes três homens, venerados como os pais do Estoicismo (...), é um esquema que abarcava

“todas as coisas divinas e humanas”. As três palavras-chave do credo de Zenão eram materialismo, monismo e mutação. Ou seja, ele considerava que tudo no universo — mesmo o tempo, mesmo o pensamento — tem uma qualquer espécie de substância corpórea (materialismo); que, em última análise, tudo se pode resumir a um simples princípio unificador (monismo); e que tudo está em perpétuo processo de mudança e a transformar-se em qualquer coisa diferente daquilo que antes era (mutação) (AURÉLIO, 2002, p. 12).

Desse modo, o fator Monista, de Universo, de consciência planetária, implica em ter-se força na humanização e sua consciência para mudar o estado de coisas, como uma pandemia, cuja força está no estudo, na ciência e nas precauções mundanas diárias, as prevenções e seus protocolos para manter a saúde, evitando o contágio. Conforme Ferry (2012):

A escolha de uma ética antes igualitária que aristocrática, de uma estética antes romântica que clássica, de uma atitude de apego ou desapego às coisas e aos seres em face da morte, a adesão a ideologias políticas autoritárias ou liberais, o amor pela natureza e pelos animais mais do que pelos homens, pelo mundo selvagem mais do que pela civilização, todas essas opções e muitas outras foram inicialmente construções metafísicas antes de se tornarem opiniões oferecidas, como num mercado, ao consumo dos cidadãos (FERRY, 2012, p. 04).

Frente ao exposto, tem-se na contemporaneidade um arsenal de achismos e opiniões de senso comum, de possibilidades ilusórias de construções de *Fake News* e automatismos simplistas que fazem o homem contemporâneo e/ou ainda pós-moderno, líquido e pouco argumentativo em relação à vida. Trata-se de um indivíduo sem filosofia ou melhor reflexão e questões suficientemente plausíveis para que sua visão ultrapasse as entrelinhas dos textos, das sociedades, das leis e construções linguísticas e culturais rasas, tanto quanto o líquido, que por sua mão escorre e igualmente se enche sem conteúdo significativo e humanitário.

A liquidez atual também torna o ser humano mais leve e tranquilo para lidar com o caos, buscando a felicidade em coisas menores, como o mero ato de plantar, regar, cuidar de seus animais e ver nessas atitudes o tempo utilizado para conquistar felicidade, até que a solução dos problemas chegue e continue a chegar. Assim, não se trata de um homem esperançoso no sentido de esperar, mas de uma esperança ativa, de uma paciência que busca e faz o que pode fazer para sair dos conflitos.

Em diálogo com a antiguidade é possível buscar exemplo em Epicteto que estava conforme o estoicismo, buscando a realidade, analisando a conjuntura na qual estava inserido, para escolher uma estratégia para agir, compreendendo que existem coisas que dependem de nós, e outras que não dependem de nós. Com essas ações, Epicteto nos convida a ter uma visão da realidade, de modo que não seja constantemente perturbado. Dessa forma, coloca que:

Coisas há que dependem de nós – e outras há também que de nós não dependem. O que depende de nós são nossos juízos, as nossas tendências, os nossos desejos, nossas aversões: numa palavra, todos os actos e obras do nosso foro íntimo. O que de nós não depende é o nosso corpo, a riqueza, a celebridade, o poder, enfim, todas as obras e actos que de maneira nenhuma nos constituem. As coisas que dependem de nós são por natureza livres, sem impedimento, isentas de obstáculos; e as que de nós dependem são inconsistentes, servis, susceptíveis de impedimento, estranhas (EPICETETO, 1992, p. 13).

O homem é resultado de um processo histórico-cultural, inerente às sociedades, é em Bauman um **louco**, visto que a própria sociedade o ressignifica e este a ela num espiral dialético, onde:

A sociedade é esse poder porque, como a própria natureza, estava aqui muito antes que qualquer um de nós chegasse e continuará aqui depois que todos tenhamos partido. “Viver em sociedade” – concordando, compartilhando e respeitando o que compartilhamos – é a única receita para vivermos felizes (se não felizes para sempre). O veneno do absurdo é retirado, pelo costume, o hábito e a rotina, do ferrão da finalidade da vida. A sociedade, diz Becker, é ‘um mito vivo do significado da vida humana, uma desafiadora criação de significado’. “Loucos” são apenas os significados não compartilhados. A loucura não é loucura quando compartilhada. Todas as sociedades são fábricas de significados. Até mais do que isso: são as sementeiras da *vida com sentido* (BAUMAN, 2012, p. 08).

Em profundidade, a coletividade deveria ser o rumo das sociedades, porém percebe-se um conjunto, não necessariamente com um bem comum respeitado, imerso em um sistema capitalista de um neoliberalismo excludente e individualista, fomentador do processo de globalização econômica atual, os loucos sociais, econômicos, políticos, céticos, fanáticos, entre outros tantos adjetivos.

É nesse cenário capitalista, de política neoliberal, de relações líquidas, de vivências por internet, em rede, via web, que nos deparamos com a Covid-19, sem saber ao certo o que fazer e como curá-la. Nesse cenário, observamos o mundo correr desesperado em busca de vacinas, líderes mundiais disputando os palcos e os *flashes*, as diversidades e estigmas sociais vindo à tona, como o racismo estrutural e o fascismo em que o homem vale-se de redes sociais para propagar seu individualismo, narcisismo e mostrar seus preconceitos, trazendo um “outro normal”, igualmente louco, como em Bauman.

Assim como no etnocentrismo, o homem volta a ser o centro das atenções. O conhecimento compreendido de forma interdisciplinar<sup>6</sup>, o movimento, a pesquisa, as ciências e a

---

<sup>6</sup> A emergência interdisciplinar é contemporânea da desestabilização dos conhecimentos departamentais, suscitada pelo imperialismo disciplinar. O pensamento confinado à disciplina fez com que graves sintomas de claustrofobia se manifestassem. Era preciso desoxigená-lo. (...)Ela é, de qualquer forma, uma exigência do percurso reflexivo, da superação do saber disciplinar, sobretudo quando, sob o



tecnologia contribuem para sairmos da Pandemia e ao mesmo tempo, de maneira atemporal, nos dão a sensação de que os loucos, viventes do próprio mundo, são seus próprios manipuladores, que subornam a si mesmos e afundam-se, para escapar, preservar a vida, manter acesa a esperança. Isso ocorre porque vivem um normal que traduz o individualismo da sociedade desumana, como o novo normal.

Para Bauman (2012, p. 11): “A energia pode ser mal usada, e de fato é – quando as possibilidades de uma vida com significado são reduzidas, escondidas ou desvirtuadas e a energia é direcionada para longe de sua própria descoberta”. Esta seria a manipulação social pela ânsia da transcendência, das ‘coisas do céu’, afastando o homem ainda mais da vida criada em sociedade. Tal manipulação perversa dá a uns, no contexto atual, chances maiores de vida do que o excedente (os outros), as minorias e aqueles segundo os quais o individualismo social pode enganar. Em relação a isso, Bauman postula que:

(...) as instituições “para solucionar problemas” são transformadas em “instituições para causar problemas”;<sup>4</sup> você é responsável por você mesmo mas “depende de condições que iludem sua compreensão por completo”<sup>5</sup> (e na maioria dos casos também o seu conhecimento); sob tais condições, “a maneira como se vive se transforma na solução biográfica para contradições sistêmicas”.<sup>6</sup> Afastar a culpa das instituições e dirigi-la para a inadequação do indivíduo ajuda a difundir a raiva potencialmente rompedora, ou a redistribuir seu papel nas paixões de autocensura e autodepreciação, ou até mesmo a recanalizá-la para a violência e a tortura dirigidas contra o nosso próprio corpo (BAUMAN, 2012, p. 12).

Seria a total falta da esfera pública (Estado) em assumir seu papel e jogar para a esfera privada (indivíduo) a resolução de problemas, como a Pandemia? Ou realmente, enquanto a vacina não chega para toda a população, devemos individualmente fazer a nossa parte? Para a filosofia, na reflexão frente ao simples, diário e (a) normal da vida, a Pandemia é um tema interdisciplinar e nos remete a buscar possibilidades de respostas, de verdades flexíveis e momentâneas, mas plausíveis no comum das nossas loucuras e de um psicológico pouco preparado para tal situação: vida ou morte, saúde ou cura, prevenções protocolares ou desleixo para com as individualidades e logo, para com a coletividade (CASTELLS, 2000).

## 1.2 Pandemia e Filosofia Estoica

---

impulso de uma espécie de tentação suicida, a disciplina se degrada em hiperespecialização (PORTELA, 1996, p. 5).

Considerando a peste vivida em Roma, tem-se os dizeres de Marco Aurélio, no livro *Meditações*, quando trouxe reflexões para superar as adversidades existentes “O que não beneficia a colméia, tampouco beneficia a abelha” (AURÉLIO, 2009, p. 93)

Há que se considerar nesse processo que a filosofia em muito tem nos ajudado a enfrentar dia a dia o coronavírus e suas transmutações pela Covid-19, uma vez que o Estoicismo nos coloca em posição de paciência ativa, quarentena e tudo o mais que tal pandemia vem nos provocando. Tal paciência ativa não pressupõe paralisia em busca da cura, mas saber o que fazer enquanto a cura não vem, no sentido de ter-se uma alma tranquila, não deixar-se levar pelo pavor, visto que estoicamente falando, não temos o controle de tudo, mas temos como controlar algumas coisas. Sendo assim, a filosofia nos permite ir além do imediatismo, possibilitando-nos rever nossas atitudes.

Tem-se aqui o filósofo da sabedoria, que diante do Covid-19 diria que: “a pessoa que reconhece sua própria impotência e conduz sua vida em conformidade com os acontecimentos, ou seja, ao invés de tentar se opor aos eventos cósmicos, o sábio se adequa a eles e a partir de então conduziria a sua vida” (TOGNI, 2014, p. 1107-1157).

O isolamento social, determinado como uma medida de prevenção, é na visão estoica viável e acessível. Deve-se cumprir tal procedimento, sem trauma ou pavor, afinal não está em nossas mãos a cura, está em nossas mãos seguir as determinações e buscar viver, ser feliz.

A Pandemia nos coloca em total falta de controle sobre as situações, como viver momentos de morte, sem saúde, com insumos mínimos e sem infraestrutura com tranquilidade. Essa é a questão que a filosofia estoica nos desafia a viver. Nesse processo microssocial, tem-se de súbito medo, sentimentos e dificuldades psicológicas que ultrapassam o álcool em gel, o lavar as mãos, o usar máscaras, pensamos em como sobreviver.

Por vezes, nossas análises conjunturais, mundiais, internacionais, políticas, econômicas, no nível macro nem nos chegam. O que vem é o oxigênio, o aparelho de respirador, os profissionais de saúde, o atendimento no SUS (Sistema único de saúde), o leito na UTI (Unidade Terapêutica Intensiva), o desespero pessoal e familiar dos contaminados.

O Estoicismo nos proporciona autocontrole, pela busca tranquila e sábia dos nossos limites, logo se não se pode ultrapassar, por que fazer? Porém, o estóico percebe-se livre e demonstra que em certas ocasiões como pandemias, pestes, guerras, há que se planejar o que fazer com o tempo. É fundamental que esse possa ser prático e significativo, no sentido de respeitarmos as pessoas, o coletivo, refletindo que a vida pertence a todos e por todos devemos ter cuidado. Nesse contexto pandêmico, é preciso utilizar o tempo com sabedoria. Cada um deve buscar o que propicie felicidade, usando o tempo adequadamente e mantendo-se conscientemente livre.

Conforme o site oficial da PAN (Organização Pan Americana de Saúde) e a OMS (Organização Mundial de Saúde), temos em caráter de urgência algumas vacinas aprovadas pela ANVISA no Brasil (Agência Nacional de Vigilância Sanitária), com eficácia menor de 100%. Tal fato denota a necessidade de manter-se com cuidados que ainda serão necessários, onde o uso cotidiano da paciência e da tranquilidade ativas, em busca da felicidade da alma, deve ser estoicamente preservado:

É fundamental lembrar que, embora as vacinas possam ajudar a acabar com a pandemia, elas não resolverão tudo. À medida que a crise da COVID-19 continuar, ainda será necessário tomar todas as medidas necessárias para evitar que o vírus se espalhe e cause mais mortes. É preciso seguir e adotar uma abordagem do tipo “faça tudo”, incluindo as medidas de proteção: lavar as mãos frequentemente com água e sabão ou álcool em gel e cobrir a boca com o antebraço quando tossir ou espirrar (ou utilize um lenço descartável e, após tossir/espirrar, jogue-o no lixo e lave as mãos). É importante manter-se a pelo menos 1 metro de distância das outras pessoas. Quando o distanciamento físico não é possível, o uso de uma máscara também é uma medida de proteção. A nível individual, essas medidas de proteção funcionam inclusive contra as novas variantes identificadas até o momento. Foram confirmados no mundo 101.053.721 casos de COVID-19 (570.976 novos em relação ao dia anterior) e 2.182.867 mortes (15.716 novas em relação ao dia anterior) até 29 de janeiro de 2021. Na Região das Américas, 26.998.023 pessoas que foram infectadas pelo novo coronavírus se recuperaram, conforme dados de [29 de janeiro de 2021](#). A OPAS e a OMS estão prestando apoio técnico ao Brasil e a outros países, na resposta ao surto da COVID-19. Os sintomas mais comuns da COVID-19 são febre, cansaço e tosse seca. Alguns pacientes podem apresentar dores, congestão nasal, dor de cabeça, conjuntivite, dor de garganta, diarreia, perda de paladar ou olfato, erupção cutânea na pele ou descoloração dos dedos das mãos ou dos pés. Esses sintomas geralmente são leves e começam gradualmente (ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE, 2021, sem paginação).

O avanço da Pandemia traduz em mortes a desorganização no contexto do Brasil sendo que apresenta-se atualmente, sobretudo, em 98º lugar nesse estado de coisas, com menos de 1% de sua população vacinada. A falta de seriedade e responsabilidade frente ao vírus coloca o mundo desconfiado e zeloso para com as suas fronteiras. Vivemos um momento crítico, porém há estudos em andamento e algumas vacinas já prontas, por laboratórios farmacêuticos mundiais, da China, da Índia e da Rússia, em parceria com o laboratório do Butantã em São Paulo, que mesmo tendo o remédio, falta ainda insumos, como agulhas, seringas e refrigeração adequada.

O mundo e o Brasil lutam, alguns países mais que outros, porque levaram a sério, não brincaram e se prepararam para tal momento. O Brasil vive a inexperiência e competência da atual conjuntura do executivo federal, sem planejamento logístico e pouca informação do povo em relação ao progresso da ciência.

A comunicação no contexto governamental atual vem sendo duvidosa para com a Pandemia, manchando a imagem internacional que tínhamos conquistado historicamente. Tais fatos colocam o Brasil em desvantagem em relação à corrida pela vida.

### **Considerações Finais**

A liquidez dos tempos atuais nos coloca em risco frente à responsabilidade de contágio com relação à Pandemia pela Covid-19, dado ao fato de que acabamos sendo resultado de um contexto neoliberal, globalizador, onde o tempo do instante e do mero individualismo pouco nos permite pensar na sociedade como um todo, na humanização. Assim, reporta-nos para a velocidade de informações pouco confiáveis, de relações afetivas pouco positivas, sem a solidez que a existência humana sugere para manter-se viva e esperançosa, de uma esperança ativa, sem ilusões, mas que corre atrás os dias de soluções práticas, estoicas, para a felicidade da alma.

Só a ignorância humana, camuflada na forma de globalização econômica e mundialização dos mercados consumidores (bem como da produção e da mão-de-obra), pode querer que a filosofia seja uma vaga sombra, serva. Ela é justamente a atitude inversa: filosofia estoica é sabedoria.

O tempo é de internet, tecnologias avançadas, o que torna as interações humanas próximas e ao mesmo tempo distantes, no entanto, previne contra o vírus que mata. Tal ferramenta, por mais deflagrada que seja, ainda não é popular, dado o fato de que países e pessoas do diário, por vezes, não têm acesso a ela.

Nesse cenário, muitos têm que lidar tão somente com a mídia tecnológica de redes sociais, que propagam informações enganosas propositalmente, manipulando ainda mais os medos e sentimentos aflorados ou estimulando a falta total desses, com festas clandestinas, remédios sem comprovação científica para combater o coronavírus, como as medicações sem comprovações científicas e que pode causar danos desastrosos.

Há que se considerar, nesse processo pandêmico, que a filosofia em muito tem nos ajudado a enfrentar diariamente o coronavírus e suas transmutações pela Covid-19, uma vez que reflete a vida na sua cotidianidade e nos coloca estoicamente num movimento que busca a paz interior, mesmo no caos. A filosofia nos permite rever atitudes, sabendo que não estamos no controle de tudo, sem imediatismos, mas atentos aos caminhos adequados para a cura mundial.

## REFERÊNCIAS

- AURÉLIO, M. **Meditações**. Trad. de Thainara Castro Lima. - Brasília: Kiron, 2009 (Coleção filosofia a maneira clássica).
- BAUMAN, Z. **Tempos líquidos**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- BAUMAN, Z. **Sociedade Individualizada: vidas contadas e histórias vividas**. Tradução: José Gradel. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- BOCHENSKI, I. M. **Filosofia Contemporânea**. Tradução de Antônio Pinto Carvalho. São Paulo: Edições Setenta, 1968.
- CASTELLS, M. **A Sociedade em Rede**. Tradução de Roneide Venâncio Majer. Colaboração Klaus Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- TOGNI, P. Stoicismo. In: ECO, U.; FEDRIGA, R. **(a cura di). Storia della Filosofia**. v.1: Antichità e Medioevo. Roma-Bari: Laterza & Figli; Milano: EM Publishers, 2014. p.1107-1157.
- EPICTETO, P. A. **Manual de Epicteto: máximas, diatribes e aforismos**. Tradução de Pedro Alvim. Lisboa: Vegas, 1992.
- FERRY, L. **Aprender a viver: filosofia para os novos tempos**. Tradução de Vera Lúcia dos Reis. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.
- GENTILI, P. A; SILVA, T. (org.). **Neoliberalismo, qualidade total e educação: visões críticas**. 11. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.
- ORGANIZAÇÃO PAN – AMERICANA DA SAÚDE. **Folha informativa COVID - 19 - Escritório da OPAS e da OMS no Brasil**. 3 de fev. 2021. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19>. Acesso em: 29 jan. 2021.
- OLIVEIRA, L. de. **Sêneca: uma vida dedicada à filosofia**. São Paulo: Editora Paulus, 2010.
- PORTELA, E. Interdisciplinaridade. **Revista tempo brasileiro**. Rio de Janeiro: ORDESCC, v. 1, n.1, 1992.
- SÊNECA, L. A. **Cartas a Lucílio**. 6. Ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2018.